

Para quem se banhar? Um discurso que reflete o assujeitamento da sexualidade feminina negra

*Gian Lucas Mendonça Lima
Jhonnata dos Santos Nogueira da Conceição
Matheus Esteves Leite
Rívia Silveira Fonseca (*)*

Introdução

A sexualidade feminina tem sua historicidade circunscrita por enquadres de objetificação, exploração e violência, principalmente a das mulheres negras e, mesmo assim, houve personalidades femininas negras que se identificaram com posições-sujeito que se contrapõem às ideologias dominantes de assujeitamento da mulher negra em relação a sua sexualidade. Dito isso, o presente trabalho tem como objetivo específico analisar a posição-sujeito discursiva da formação imaginária Ia(r)¹ a partir de uma perspectiva religiosa elencando os pontos que divergem, assim, refletindo um espaço ideológico de disputa entre sexualidade feminina dominante e sexualidade feminina dominada.

O primeiro recorte que fizemos foi tratar de duas religiões presentes na cultura brasileira: o cristianismo (de matriz europeia) e o candomblé (de matriz africana). Seguindo esse caminho de análise, estabelecemos o segundo recorte ao tratar da sexualidade feminina para as respectivas religiões. Adotamos para o cristianismo o sentido de “sexualidade feminina dominante” e para o candomblé o de “sexualidade feminina dominada” devido à historicidade da mulher negra dentro desses discursos religiosos, o que é explicado com mais detalhes na seção de análise do material. Abordamos a sexualidade da mulher negra a partir das condições de produção da materialidade do discurso que analisamos, ou seja, a canção de Elza Gomes da Conceição, conhecida por Elza Soares, mulher negra, nascida em 1930 e candomblecista. O texto de análise selecionado como corpus, então, foi a letrada música “Banho”, escrita por Tulipa Ruiz e interpretada por Elza no álbum “Deus é mulher”, de 2018.

(*) *Gian Lucas Mendonça Lima* é graduado em Letras Português – Literaturas pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ). *Jhonnata dos Santos Nogueira da Conceição* é graduando em Letras Português – Literaturas pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ). *Matheus Esteves Leite* é graduando em Letras Português – Inglês – Literaturas pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ). *Rívia Silveira Fonseca* é professora associada do Departamento de Letras e Comunicação (DLC) da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ). Contato: riviafonseca@gmail.com

¹ Lê-se a imagem (I) que a mulher (a) tem sobre sua sexualidade (r).

Nos servimos dos pressupostos da AD materialista inaugurada por Michel Pêcheux e difundida no Brasil, sobretudo, pela profa. Eni Orlandi, de quem retomamos os conceitos de condição de produção, de formações imaginárias e de interdiscurso que são explicados na seção de apontamento teórico. Utilizamos como pista de contextualização para o uso de tais conceitos, o próprio material em sua riqueza sintagmática e paradigmática, a qual evidencia aspectos linguajeiros significativos para a identificação das formações discursivas em jogo, por exemplo, a ocultação da marcação do sujeito gramatical, a seleção de vocábulos que remetem a natureza e a presença de antônimos e antíteses.

Fez-se relevante analisar os desdobramentos dos efeitos de sentidos produzidos pela materialidade e por meio dessa análise deslocar o que não é transparente nas ideologias que perfazem a condição de produção discursiva em relação a sua exterioridade histórica e sociocultural. Nesse sentido, esta produção acadêmica pode contribuir para futuras pesquisas acerca do discurso religioso e do discurso artístico com relação à exterioridade, também, como referência para possíveis debates de movimentos sociais, como o movimento feminista, o movimento negro, o movimento epistemológico pós-colonialista, além de promover reflexões a respeito daquilo que se cala ou deixa de se dizer da produção artística brasileira – que é a ferramenta de reconhecimento e de transgressão de sentidos cristalizados na sociedade atual.

Um pouco sobre a análise do discurso materialista

Entende-se a Análise do Discurso materialista (AD) como uma disciplina teórico metodológica que surgiu na década de 60, para questionar uma tradicional prática escolar francesa: a explicação de textos. Trata-se, portanto, de uma teoria-método que, privilegiando a interdisciplinaridade, articula pressupostos teóricos da linguística, do materialismo histórico e da psicanálise. Tratemos, brevemente, sobre eles:

- a) Os fundamentos da psicanálise sustentam explicações para os processos de representação do referente textual, coletivamente construído por interações discursivas e por um sujeito fragmentado que tem a ilusão de ser uno. Contudo, ao falar e/ou enunciar seu discurso, ele sempre está se remetendo ao já-dito, a outros discursos pronunciados antes em algum lugar (ORLANDI, 1983).
- b) Os fundamentos do materialismo histórico sustentam explicações sobre situações das quais o sujeito participa como membro de uma sociedade estratificada por classes

sociais, e onde ele assume diferentes papéis. Mas, enquanto membro dessa sociedade, esse sujeito não tem autorização para representá-la, razão pela qual o grau de participação social do sujeito é determinado pelo seu nível de qualificação. Nesse sentido, fragmentando-se em diferentes sujeitos, ele participa apenas de situações autorizadas, já que cada situação lhe exige um comportamento, um estilo, um conhecimento sobre o contexto histórico-social, enfim, um discurso (PÊCHEUX, 1990).

- c) Os fundamentos linguísticos da teoria da enunciação sustentam explicações sobre relações enunciativas nas quais os interlocutores, situados num aqui e agora, não só se assumem reciprocamente, mas também se atribuem identidades, por um jogo de imagens ideologicamente forjadas a partir de formações discursivas vigentes.

Esses pressupostos abrangem conceitos fundamentais como o de formação social, o de língua e o de discurso, estando todos eles atravessados por uma teoria da subjetividade de natureza psicanalítica. Não obstante, a noção de história está estreitamente ligada à de social, tendo sido deslocada ao conceito de condições de produção (CP) proposto por Pêcheux (1969): a fim de evitar associações psicossociológicas, que transformariam em simples circunstâncias as determinações históricas do acontecimento discursivo. Propôs-se, então, aliar a noção de CP à análise histórica das contradições ideológicas presentes na materialidade dos discursos, articulando-as às formações discursivas.

Apontamento teórico

Segundo Orlandi (2001), um dos fatores que integram a produção do discurso é a memória discursiva, que, ao ser acionada, faz valer as condições de produção. Estas podem ser consideradas em sentido estrito (contexto imediato) ou amplo (contexto sócio-histórico), e “ambos os processos são resultado do trabalho da língua sobre a língua, trabalho esse que não tem sua origem no sujeito, mas que se realiza nele” (MARIANI, 1997, p. 38), fazendo com que haja a ilusão do sujeito de se considerar fonte primeira dos sentidos de enunciados por ele proferidos, além da impressão de realidade que possui sobre aquilo que diz, desconsiderando outras possíveis formas de dizer (PÊCHEUX, 2009).

A memória, ao relacionar-se com o discurso, é entendida como interdiscurso que, segundo Pêcheux (2009), consiste no já dito, aquilo que fala sempre antes, possibilitando,

então, “dizeres que afetam o modo como o sujeito significa em uma situação discursiva dada” (ORLANDI, 2001, p. 31). Ou seja, não há discurso que não se relacione com outros discursos. Segundo Orlandi (2001, p. 31),

“É o que chamamos memória discursiva: o saber discursivo que torna possível todo dizer e que retorna sob a forma do pré-construído, o já-dito que está na base dodizível, sustentando cada tomada da palavra” (ORLANDI, 2001, p. 31).

O sujeito do discurso é caracterizado por projeções. Ele não tem lugar, mas sim posições (ORLANDI, 2001, p. 40), e elas são produzidas pelas formações imaginárias, estas sendo criadas e significadas a partir da memória em relação ao contexto sócio-histórico, em outras palavras, as projeções se sustentam nas relações de poder. Um trabalhador pode, por exemplo, assumir discursivamente a posição do patrão, bem como um indivíduo oprimido pode assumir a de seu opressor. Há dentro disso, também, a possibilidade de antecipação, que consiste na criação de imagens acerca da posição assumida por determinado sujeito, permitindo com que se fale de forma a atingir possíveis objetivos.

Assim como os sujeitos podem assumir posições diversas, as palavras podem ter significados distintos, dependendo da ideologia à qual o enunciador está interpelado. O termo “viado” pode ser pejorativo, quando proferido por homofóbicos, ou funcionar como tratamento carinhoso entre amigos. Trata-se da formação discursiva, que, segundo Orlandi (2001, p. 43) é a materialização da ideologia, ou seja, onde a ideologia produz seus efeitos, determinando o que pode ou não ser dito, além dos sentidos que um mesmo enunciado pode apresentar, como descrevemos anteriormente.

Estes conceitos, aqui brevemente apresentados, serão por nós mobilizados. Cada um será retomado, posteriormente, junto à explicitação de sua respectiva relevância para a análise.

Análise do material

Nesta seção, trataremos da análise de quem detém o dizer (cf. seção 4.1); do lugar onde tal dizer se manifesta (cf. seção 4.2); e, por fim, do conceito de memória (cf. seção 4.3).

Quem é que detém o dizer?

Não existe o sujeito empírico no discurso, nesse sentido o sujeito do material analisado não é Elza Soares nem Tulipa Ruiz, pois na formação discursiva ocorre a projeção de “posições-sujeitos” e o que possibilita determinadas projeções ao invés de outras é a “condição de produção”. Consideramos a posição de intérprete como parte da condição de produção no sentido estrito, por isso vamos trazer um pouco da história da cantora.

Elza, a intérprete, é mulher negra, candomblecista, nascida no subúrbio do Rio de Janeiro em 1930, de origem pobre e teve sua infância marcada por um casamento (obrigada pelo pai) aos doze anos de idade. Desse casamento, teve um filho aos treze anos e outro aos quinze, ambos tendo falecido por conta de uma doença. Aos vinte anos de idade fica viúva do primeiro marido e aos vinte e sete é mãe de cinco crianças. Foi casada durante dezessete anos com o famoso jogador de futebol Mané Garrincha, com quem teve um filho que faleceu num acidente de carro. Durante essa relação, também, foi que a cantora sofreu violência doméstica por parte do marido, o qual não denunciou como agressor. Mais tarde, se divorciou de Garrincha.

Podemos ver na vida de Elza Soares, o reflexo de uma sexualidade femininademarkada culturalmente e discursivamente no decorrer da história em uma alteridade, ou seja, numa relação que pressupõe o outro com um agente ativo na atividade sexual da mulher, no caso o homem ou até mesmo, de forma indireta, os filhos. Portanto, nesta perspectiva, falar sobre uma sexualidade independente e prazerosa é transgredir uma historicidade conceituada de valores ideológicos patriarcais. Assim, a posição-sujeito projetada na formação discursiva de “Eu não obedeco porque sou molhada / Eu vou pingar em quem até me cuspiu , viu?” é de uma mulher que tem um contato com sua sexualidade de forma independente, isto é, sem pressupor o “outro” como um agente ativo na sua atividade sexual, o que é espelhado linguisticamente pela marcação explícita do sujeito gramatical somente nos versos que estabelecem uma relação de alteridade, nos quais a posição-sujeito projetada é de uma mulher que se marca discursivamente, por meio do uso linguístico de “eu”, para negar a existência do outro. Cabe agora responder a seguinte questão: Quem é esse “outro” negado pela posição-sujeito do discurso? E se é negado, quem ou qual permite sua produção?

Sabemos que no ano de 2018 ocorreram as eleições presidenciais no Brasil, sendo eleito uma figura que traz como bandeira as demandas da população cristã da sociedade. Com isso, algumas formações ideológicas deslocaram-se de um ponto de não transparência para um ponto de debate. Como já dito, foi o ano de lançamento do álbum que comporta o dado

analisado, sendo assim, no campo de formações ideológicas, em destaque das relações de poder religioso, conseqüentemente, o de formações discursivas instaura-se um campo de disputa. Considerando as CPs no sentido amplo e estrito do material já mencionadas, fazemos a seguinte pergunta: Qual é a instituição religiosa que não permite à mulher uma sexualidade independente e prazerosa? Feito tal questionamento, é necessário recorrer ao conceito de “memória discursiva” para identificarmos quem é esse alguém ou esse algo que se opõe a posição-sujeito projetada discursivamente no dado.

Que lugar ocupa o dizer?

Tratamos agora sobre condição de produção no sentido amplo, em que as instituições ideológicas, no contexto deste trabalho, são as do candomblé e as do cristianismo, onde há formações ideológicas que permitem os efeitos de sentidos (o discurso) que analisamos.

Em nosso objeto de análise, por exemplo, e observando o espectro da sociedade brasileira, é possível demarcar o funcionamento ideológico à medida que percebemos a maneira como as temáticas de sexualidade feminina são tratadas. Na instituição ideológica candomblé, explica-se e entende-se perfeitamente as pautas e reivindicações que derivam da maneira como as sexualidades da mulher são tidas e praticadas; em outra (cristianismo), também se explica e entende-se os motivos pelos quais responder a essas reivindicações consiste em uma intimidação para as instituições compostas na/pela ideologia da raça branca e cristã.

Ao lermos a sequência discursiva “Embaixo sou doce / Em cima, salgada”, podemos observar que o sujeito, ao comparar suas partes íntimas como doce, ele de certa forma chama nossa atenção quando implicitamente diz que a genitália feminina é alvo de desejo e prazer do homem, uma vez que se tem o termo ‘doce’ como aquele que incita ao vício e à atração; antagonicamente, ser “em cima” salgada implica uma desvalorização – muitas vezes exclusão – do pensamento da mulher (sobre sua sexualidade) quando temos o ‘sal’, em relação ao doce, como um fator repulsivo, que não agrada.

Nesse viés, as antíteses trabalhadas na letra da música marcam as polarizações entre as sexualidades: a dominante e a dominada. Dizer que “Misturo os sólidos com os meus líquidos” produz um efeito de suavização e denotação do próprio gozo feminino ao passo que esse sujeito situa / é situado (n)uma árdua e plena censura acerca da sexualidade dentro da

religiosidade dominante.

Uma das atrocidades da moralidade cristã é negar a existência de outras divindades ou formas de crença, demonizando-as quando elas coexistem no cenário religioso. Isso se observa no cristianismo brasileiro, cujo tratamento das crenças afro se dá como uma possessão maligna, o que serve de base para a manutenção da lógica de coerção social da religião por meio do medo do desconhecido.

Tendo as instituições ideológicas não como função fechada da ideologia, mas como funcionamento de ideias e práticas relacionadas entre si, trataremos então das formações imaginárias, as quais dão espaço as formações discursivas que se formatam pelo modo como a ideologia se materializa na língua, possibilitando arranjos e rearranjos de discursividades coerentes entre si. Assim, na formação ideológica cristã, não é coerente produzir o sentido de sexualidade feminina independente, entretanto, na formação ideológica candomblecista, a necessidade de tematizar questões de gênero e sexualidade urge.

Memória: Onde é possível fazer sentido?

Falar do candomblé é refletir sobre uma visão de mundo, uma prática social que está intimamente ligada à identidade negra e afro-brasileira, pois pensar o papel da mulher negra significa a constituição de um importante elemento no resgate da identidade feminina negra.

Em contraste com o catolicismo – onde vemos a imagem do homem sendo exaltada, pois além do fato de não existir mulher que ocupe o lugar de sacerdote (padre), a mulher nunca conduzirá uma cerimônia como missa, ou batismo, por exemplo – a imagem da mulher no candomblé (em prol de termos técnicos e de fácil entendimento, tomaremos aqui o termo “candomblé” como referência à religiosidade africana¹) ocupa uma posição com maior destaque, se comparada às outras ritualísticas. Para além da religião católica, temos ainda os protestantes e pentecostais, cujas doutrinas repetem a situação comentada acima, o qual fomenta a exclusão da mulher, sobretudo, de sua sexualidade. Isso também pode ser percebido no budismo e, mais fortemente, no islamismo, cuja religião é uma das mais restritivas no que diz respeito ao feminino (ROSADO-NUNES, 2005).

Podemos perceber uma coletânea de representações frente à construção de gênero, o que fundamenta a amplitude dos papéis femininos dentro de uma sociedade, mais especialmente ao colocarmos a posição mulher em contraste com as religiões mencionadas

acima. Nas religiões de matriz africana, sobretudo no candomblé², visões polarizadas e altamente absolutistas e estáticas, como céu *versus* inferno, luz *versus* trevas, anjo *versus* demônio não fazem sentido. Em vez disso, os aspectos que possuem um *quê* de oposição coexistem, a buscar um ponto de equilíbrio, o que garante a multiplicidade tão complexa.

Repleto de lendas e mitos que remetem a tempos imemoráveis, as deidades africanas femininas apresentam, em suas histórias, diversos comportamentos que denotam a pluralidade do *ser mulher*. Deusas guerreiras, sensuais, fortes e temíveis, detentoras de poderes imensuráveis e completamente destrutivos, mas que também são mães que zelam e que são mantenedoras da vida. Essas deusas que são chamadas de *yabás* (mães rainhas, em iorubá) conciliam as imagens de virgem, esposa, mãe, amante, anciã etc., perpetuando essa pluralidade que engloba qualidades e defeitos, virtudes e contradições. Segundo o pensamento iorubá, a sensualidade pode coexistir com a doçura, agressividade e força. No Brasil, esse panteão feminino é formado pelas *yabás Oyá* (força), *Òsún* (sexualidade), *Yemõnjá* (maternidade), *Yobá* (guerra), *Ewá* (vidência) e Nanã Buruku (sabedoria anciã).

Em nossa análise, a presença do orixá *Òsún* foi bastante evidente, pois a partir dos elementos naturais (orixás = natureza) encontrados na letra (cachoeira, água, doce), pudemos perceber uma forte citação a esta *yabá*, cujos domínios são a sexualidade feminina, água doce, riqueza e beleza. Nesse viés, as religiões afro-brasileiras reconhecem adivindade com características femininas, cultuam deusas e permitem à mulher o exercício do sacerdócio. Estas religiões possuem discursos e práticas de sacralização da mulher e do feminino que possibilitam aos seus adeptos engajarem-se em movimentos sociais ou em práticas de cunho feminista, gerando transformações em sua vida íntima e na sociedade. No universo dos terreiros de candomblé são diversos os momentos em que o sagrado feminino é valorizado. Essa valorização se dá pelo culto aos orixás femininos e *metás*³, a reprodução de seus mitos e suas liturgias e pelo papel de liderança exercido pelas mulheres nos templos religiosos.

Portanto, a formação imaginária que permite os efeitos de sentidos que identificamos está ligada ao religioso, o que demonstra, na nossa perspectiva, reflexos de uma disputa pelo dizer, visto que os atos sexuais feitos pela mulher negra projetada no discurso da música não é explícito, diferente do que se vê em outros discursos, como de revistas masculinas ou até em músicas que sexualizam a mulher com o outro. Não sozinha com sua sexualidade. Assim

² Há, no candomblé, as vertentes *Ketu*, *Jeje*, *Angola*, *Nagô*, entre outras (VERGER, 2018).

³ Orixás caracterizados com dupla articulação energética: masculina e feminina (VERGER, 2018).

sendo, os fenômenos linguísticos que observamos, principalmente, a seleção vocabular, indicam uma formação ideológica do dizer, visto que para produzir um discurso de uma mulher negra que detém uma sexualidade independente, se alçou, inconscientemente ou conscientemente, de uma formação discursiva e ideológica que na historicidade representa a mulher de modo a ser admirada e respeitada, o que explica a possibilidade do discurso ser inteligível em uma instituição e não em outra.

Considerações finais

A nossa análise foi de cunho interpretativo e qualificativo. Dentro desse parâmetro, ela possibilitou pensar como os fenômenos linguísticos refletem o espectro de noções discursivas e ideológicas presentes na realidade dentro de um tempo e espaço. Neste trabalho, percebemos que os fenômenos linguísticos, como a ocultação de sujeito, o uso de antíteses e seleção vocabular acerca da natureza são reflexo da noção de disputa no campo discursivo e ideológico que cerca o imaginário do que é ter domínio da sua sexualidade para algumas religiões. Com isso, destacamos a relevância dos estudos linguísticos não somente para análise do discurso, também, para os estudos sociológicos, históricos e psicanalíticos. E, vale ressaltar, a possibilidade de futuros estudos acerca da voz como objeto de produzir sentido, já que no nosso trabalho não analisamos tal elemento.

A música *Banho* é forte e sua ressonância ecoa profundamente. É resistência, uma chamada de atenção, nesses tempos de forte opressão, retrocessos e involuções. No discurso da canção, a teologia, que muitas vezes contribui(u) para um mal entendimento não só da relação entre os gêneros e os papéis sociais, revelou-se como um espaço de disputas ideológicas, portanto, discursivas, acerca da sexualidade feminina, pois ao afirmar em seu álbum que Deus, uma figura exclusivamente masculina, suprema e mística por meio do qual tudo tem se criado, é mulher – que historicamente tem sido caracterizada como frágil e incapaz –, Elza Soares deixa claro e nos obriga a refletir e rever tal conceito de Deus. Vivemos em um país que mascara a sexualidade feminina e a vive de um jeito velado e a olho nu. O objetivo então é falar de outras crenças e caminhos de se pensar a cosmovisão do universo, pois está além de se fazer alguém acreditar ou não naquilo que está sendo posto em reflexão.

Referências

- CHAGAS, T. R. Banho. *In*: SOARES, E. **Deus é mulher**. Rio de Janeiro: DeckDisc, 2018. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/elza-soares/banho/>. Acesso em 31 out. 2019.
- LIGIÈRO, Z. **Iniciação ao candomblé**. Rio de Janeiro: Nova Era Editora Record, 1993.
- MARIANI, B. S. C. **Fundamentos teóricos da análise do discurso**: a questão da produção de sentidos. Niterói: Caderno de Letras, 1997. v. 15, p. 33-46.
- ORLANDI, E. P. **Análise de discurso: princípios e procedimentos**. 8ª ed. Campinas: Pontes Editores, 2001.
- ORLANDI, E. P. Análise do discurso. *In*: ORLANDI, E.; LAGAZZI-RODRIGUES, S. (orgs.). **Discurso e Textualidade**. 3ª ed. Campinas: Pontes Editores, 2015.
- PÊCHEUX, M. **Semântica e discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio. Campinas/SP: Editora da Unicamp, 1995 [1975].
- PÊCHEUX, M. Papel da memória. *In*: ACHARD, P. et al. **O papel da memória**. Tradução de José Horta Nunes. 3. ed. Campinas: Pontes, 2010.
- ROSADO-NUNES, M. J.R. **Gênero e religião**. Florianópolis: Revista Estudos Feministas, 2005.
- VERGER, P. F. **Orixás**. Bahia: Solisluna Editora, 2018.

ANEXO

Letra da música:

Acordo maré
Durmo cachoeira
Embaixo sou doce
Em cima, salgada

Meu músculo musgo
Me enche de areia
E fico limpeza Debaixo da água

Misturo sólidos com os meus líquidos
Dissolvo pranto com a minha baba
Quando tá seco logoumedeço
Eu não obedeço porque sou molhada

Enxáguo a nascente e lavo a porra toda Pra
maresia combinar com o meu rio, viu?
Minha lagoa engolindo sua boca
Eu vou pingar em quem até já me cuspiu, viu?

Resumo: Este trabalho tem como foco analisar as relações entre as religiões (em particular, o Cristianismo e o Candomblé) e a sexualidade feminina negra. Para apoiar teoricamente essa análise, foram utilizados os trabalhos de Michel Pecheux (1990) e Eni Orlandi (2001), desenvolvidos na perspectiva da Análise do Discurso materialista (AD). A metodologia foi constituída por meio de revisão bibliográfica sobre o tema, pela mobilização de conceitos da AD, difundida pelos autores citados, bem como a discussão sobre quem detém o poder nas formações ideológicas construídas e expostas em "Banho", uma canção escrita e interpretada por Elza Soares no seu álbum "Deus é mulher", lançado em 2018. Com base numa análise interpretativa e qualitativa, partimos da polarização da sexualidade feminina dominante versus a sexualidade feminina dominada, o que lançou luz ao fato de que era tempo de se dar o impulso para a liberdade e protagonista feminina no que diz respeito ao prazer sexual, especialmente, na convocação de Orixás femininos da prática religiosa africana quanto à construção de sentidos, e na utilização de elementos da natureza para naturalizar o próprio prazer feminino. Finalmente, a pesquisa levou-nos à conclusão de que vestígios da materialidade linguística, tais como a ocultação do sujeito, o uso de antíteses e a seleção de vocabulário sobre a natureza, refletem a noção de disputa no campo discursivo e ideológico que atravessa o imaginário do que é ter o controle da sexualidade feminina para algumas religiões.

Palavras-chave: Análise do discurso, Sexualidade feminina, Elza Soares, Orixás.

Abstract: This work focuses on analyzing the relationships between religions (in particular, Christianity and Candomblé) and black female sexuality. To theoretically support this analysis,

the works of Michel Pecheux (1990) and Eni Orlandi (2001) were used, developed from the perspective of Materialist Discourse Analysis (DA). The methodology consisted of a bibliographic review on the subject, the mobilization of DA concepts, disseminated by the cited authors, as well as the discussion about who holds power in the ideological formations constructed and exposed in "Banho", a song written and performed by Elza Soares on her album "Deus é mulher", released in 2018. Based on an interpretative and qualitative analysis, we start from the polarization of dominant female sexuality versus dominated female sexuality, which shed light on the fact that it was time to give the drive for freedom and the female protagonist, with regard to sexual pleasure, especially in the summoning of female Orishas from African religious practice regarding the construction of meanings, and in the use of elements of nature to naturalize female pleasure itself. Finally, the research led us to the conclusion that traces of linguistic materiality, such as the concealment of the subject, the use of antitheses and the selection of vocabulary about nature, reflect the notion of dispute in the discursive and ideological field that crosses the imaginary of what it is to have control of female sexuality for some religions.

Keywords: Discourse Analysis, Feminine sexuality, Elza Soares, Orishas.

Recebido em: 11/04/2023.

Aceito em: 14/05/2023.